

Memoria Historica

BIBLIOTHECA
DA
FACULDADE DE DIREITO
DO
RECIFE.

Notas Preambulares

Senhores Doutores



AE provavelmente causar-vos estranheza o facto singularissimo de eu não iniciar este meu trabalho pedindo aos lugares communs da modestia a oração cerimoniosa com que é das velhas normas recorrer ás fontes da vossa benevolencia.

Inferno por natureza ás manifestações da hypocrisia no terreno da sciencia ou da religião, prefiro dizer-vos com desassombro que a falta dominante nessa especie de relatorios, annualmente feitos, dos factos occorridos n'esta Faculdade nos doze mezes transactos, consiste em se tornarem, por sua parcimonia, carecedores da vivacidade e dos attractivos peculiares ás boas chronicas.

Entretanto, já o decreto de 1854, impondo ás congregações das escolas superiores o dever de escolherem um dos seus membros que se encarregasse dessa honrosa commissão, preceituára: — “approvedo o trabalho será recolhido á Bibliotheca para servir de chronica da Faculdade.”

Si desde aquelle tempo a lei assim o en-

tendia, não descubro o motivo por que se tem reduzido as nossas memorias, por um aferro musulmano aos moldes da rotina, ao simples aproveitamento de dados fornecidos, á ligeira, pela secretaria. Si estas memorias não podem conter curiosidades encantadoras, pedaços d'alma, lances sensacionaes, como, por exemplo, as *Confidencias* de Lamartine, que elle entregou chorando ao seu editor para não ser constrangido a desfazer-se da casa em que nascêra e á sombra de cujos pinheiros traçara as melhores paginas dos *Girondinos*, devem, no entanto, conter fragmentos de psychologia nacional, trechos da vida collectiva desse Instituto, por onde se possa julgar o quinhão que lhe cabe no desenvolvimento da consciencia juridica do paiz.

Não é que eu pretenda exigir de cada professor desta Escola um saber surprehendente, pela amplexidade e pelo detalhe, como o desse cavalleiro errante de Eça de Queiroz, que, emquanto tirava do bolso a charuteira, construia uma synthese profunda sobre a guerra do Peloponeso, e, ao accender o charuto, explicava o feitio e o metal da fivella do cinturão de Leonidas.

Tambem não é meu desejo talhar carapuças ao fazer o reparo supra, porque, si ha uma censura no meu asserto, esta envolve todos os que, ha dezenas de annos, têm escripto as memorias d'esta Faculdade, inclusive o meu saudoso amigo e mestre Tobias Barretto, que, aliás, possuia o condão, attribuido por Luiz Ulbach a certa gloria da França, de transformar um calhão n'um diamante e os fructos communis das arvores em que tocava nos mais bellos pomos de ouro.

Não se fez ainda a historia d'este Instituto por ser, talvez, empreza prematura; nenhum espirito

fecundo procurou reunir n'um estudo substancial os fastos d'esta Faculdade para que se possa verificar no futuro o seu poder de focalisação das ideias e dos costumes no seu quasi secular periodo de vida.

Quando este espirito surgir, não terá de recorrer aos subsidios deixados por nós n'estas memorias, que parecem todas creadas no regimen quaresmal das abstinencias fradescas, nos dias mortificantes dos jejuns.

Do ponto de vista da area geographica a historia d'esta Faculdade divide-se em tres phases: — a de Olinda, — a principio no claustro de S. Bento e, depois, no edificio alcandorado no patamar da ladeira do Varadouro; a do Hospicio, — ponto longinquo, a que em 1860 se referia o autor da memoria correspondente ao anno findo nos seguintes termos: — “um casarão inferior em commodos e condições hygienicas a qualquer dos nossos quarteis: se chove, um lago; se faz sol, um pequeno Sahára sem oasis; se venta, a phthysica e a pneumonia alli perto;” — e, por ultimo, a phase do Pateo do Collegio que, apesar de provisoria, ainda não terminou.

Relativamente à sua estructura organica se divide em quatro periodos: — o primordial, de 1827 a 1854, data da sua primeira reforma; — de então até o decreto faustoso do ensino livre, que foi, por assim dizer, a transformação da rede arterial por onde haveria de circular novo sangue; — o terceiro, de 1879 á reforma de Benjamin Constant, que lhe deu novos orgãos e, ao mesmo tempo, lhe refundio os velhõs no intuito de adaptal-os ás novas funcções; — o quarto periodo, emfim, por onde se pode ajuizar da influ-

encia do actual systema de governo nas lettras juridicas, — da reforma de 1891 até hoje.

Com referencia ás suas modificações psychologicas, se bem que detalhadamente se deva levar em linha de conta as pequenas mudanças que lhe advieram das transferencias de local e do aperfeiçoamento physiologico, penso que em rigor se pode contar duas phases capitaes: — da sua fundação até à entrada de Tobias Barretto para o respectivo corpo docente, e d'esse dia auspicioso até á hora em que vos falle.

Vamos por partes. Da phase olindense que nos resta? Fundado este Instituto em 1827, de accordo com o decreto de 11 de Agosto d'aquelle anno, tenho *ouvido dizer* que só em Maio do anno seguinte começou a funcionar; mas não me souberam dar maiores informações, nem eu encontrei no archivo o documento comprobatorio do facto.

Em nenhuma das memorias que compulsei, de 1856 até hoje, foi-me dado o gozo intellectual de ler, mesmo a titulo de curiosidade, um bosquejo historico, uma vista retrospectiva sobre aquelle acontecimento aureo, ou com relação ás condições sociaes do meio. O Recife acabava de ser theatro de duas revoluções, no espaço de dez annos, e o espirito vivaz da velha democracia colonial ainda lhe pairava no ar.

Subjugado nas suas mais justas aspirações, como ao depois tem sido tantas vezes, o risonho burgo do principe de Nassau, talvez por um resto da tenacidade hollaudeza que lhe ficou porventura levedando no sólo moral, conservára, sob a camada apparente de cinza, a braza de independencia civica que, no dominio das lettras, deveria expandir-se na hegemonia intellectual da Escola

recem-creada, e, no terreno politico, vinte annos depois, no assomo de rebeldia que ficará conhecido na historia pelo nome de *revolução praieira*.

A ideia de fundar a nova escola na antiga capital de Pernambuco, a cidade faustosa da aristocracia territorial do seculo XVII, o torrão em que Duarte Coelho lançára os alicerces das primeiras habitações, suspensas feericamente nas fraldas das collinas verdejantes, foi uma imperial homenagem ao velho caracter pernambucano estratificado alli, foi em obediencia ao desejo de escolher um recolhimento de paz espiritual para a juventude estudiosa, ou foi um meio de punir a intransigencia republicana do Recife?

Não vos posso responder, Senhores Doutores.

Certo é que a nova escola formou logo os seus fóros de corporação autonoma no desenvolvimento do meio social, com um sainete de exclusivismo que outros julgarão talvez exagerado.

Disse Aprigio Guimarães, na sua chronica de 1859, unica em que encontrei ligeirissimas referencias áquelle periodo escolar: "Olinda era para os cursos juridicos do Brazil a representação das velhas ideias portuguezas. D'ella podia-se dizer, pouco mais ou menos, o que de Coimbra disse o Sr. Freire de Carvalho, no seu *Primeiro Ensaio de Historia da Litteratura de Portugal*: — *Cidade cuja população diminuta e bisonha era caracterizada pela vivacidade de centenas de estudantes*. Alli, como acontece nas guarnições de praça, contrahia-se um espirito de corporação, formavam-se os primeiros enlaces da mocidade, e bem assim os seus primeiros principios, e com elles recebiam-se as primeiras ideias da profissão a que cada qual se dedicava: enlaces, prin-

cipios e ideias que têm grande influencia por todo o decurso da vida.”

Não foram, porem, as solidões de Olinda, como pareceu ao professor citado, as causas unicas d'aquelle exclusivismo, do espirito de corporação que alli reinou sempre.

O facto foi antes devido a causas internas, idiosincrasicas do estabelecimento, e á disparidade do meio social.

As primeiras estavam na circumstancia de terem sido nomeiados professores — quatro portuguezes, além de brazileiros educados na Universidade da Velha Metropole; as segundas achavam-se no isolamento moral a que se viu reduzido o novo instituto, sem outro centro de instrucção na Provincia com que pudesse fazer a permuta de ideias.

Em comprovação do meu asserto, relativamente ás causas internas, encontro as seguintes reflexões do Sr. Barão de Penedo n'umas notas escriptas a pedido do nosso eminente patricio Dr. Joaquim Nabuco: «Olinda semelhava á antiga Coimbra, d'onde tinham vindo alguns brazileiros findar o Bacharelado... Menos a batina e o gorro da Velha Universidade foi tudo o mais trazido por esses primeiros incolas da Nova Academia, os costumes, os ditos chistosos ou cabalisticos, e até as denominações, que ainda hoje figuram, de *cafageste* e *futrica*.»

Para fazer a prova da segunda affirmativa basta uma vista de conjuncto sobre a sociedade pernambucana naquelle periodo.

A coercitiva politica do governo abandonára á flor do solo os destroços dos cadafalsos e a tradição do martyriologio dos republicanos; enquanto estes, morrendo, deixaram ficar nas cama-

das subterraneas da patria as correntes revolucionarias do *Contracto Social* de Rousseau e do jacobinismo de 89.

A magistratura occupada, na sua grande maioria, por juizes leigos, vendia a acção judicial ao dinheiro de autocratas que, á sombra da impunidade, alimentavam bandos de mercenarios para a defeza das suas estapafurdias prerogativas, ou, em outros termos, o consorcio fementido do direito com a justiça era muito menos ainda do que a amizade do cão com o gato. A religião, á parte o renome de què haviam gozado os reverendos Almeida Fortuna, Souza Tenorio e João Ribeiro Pessoa, era um apperitivo que só entrava nos banquetes dos Congregados do Oratorio e nas aneddotas picantes que se referiam ácerca dos conventos do Carmo, S. Bento e S. Francisco, tres contos, onde na opinião do autor das *Revoluções do Brasil* «se acastellavão a ignorancia, o atrevimento e a libertinagem dos costumes.» A convivencia de familias não existia, porque as damas se limitavam a ver a rua por detraz das venezianas, a sahir de longe em longe nas suas cadeirinhas tradicionaes, com as cortinas cerradas, tendo o privilegio do *habeas-corporis* ou o direito de locomoção ao ar livre sómente para fazer a visita espectacular ás igrejas na quinta feira maior ou assistir outros actos religiosos da semana santa.

Conhecidas as causas apontadas o espirito de corporação desta Faculdade em Olinda foi providencial, porque, em primeiro lugar, evitou o contagio do ambiente, e em segundo, si é verdade que a união faz a força, serviu para reagir contra os preconceitos e os crimes de um modo homogeneo e decisivo.

Os professores, porem, não estavam habilitados para grandes surtos.

Alguns teriam as noções solidas e a compos-tura doutoral de Zaccarias de Goes ; a verbosida-de encantadora de Autran ; o preparo resistent-e de Paula Baptista que, sendo um producto intellectual da Academia, um filho de suas letras, logo depois tomou lugar na Congregação com o brilho intenso do seu talento ;—a figura elegante e o nome do Dr. Nuno Aygue d'Avellos Annes de Britto Inglez que assombrava as popula-ções ribeirinhas do Beberibe, quando, em altos brados, o escravo, avisando ao canoeiro que S. Exc. se achava prompto para embarcar, dizia emphaticamente, por extenso, a serie dos seus ap-ellidos arrevesados ; as aptidões de Jeronymo Villela, que, alem de um compendio de Direito Ecclesiastico, nos deixou alguns documentos do seu estro, versos que, não revelando grandes vãos, são magoados, como as poesias escriptas no pre-sidio de Fernando, onde o rebelde politico foi purgar as suas culpas, e satyricos, por vezes, do que nos dá exemplo a seguinte quadra de re-moque ao predominio de certa familia pernambu-cana :

Os leões venezianos
Têm as azas no dorsal,
Os leões de *Caraúna*
Gravidade natural.

Outros teriam apenas o valor dos reveren-dos Chagas e Coelho que deixaram na chronica escolar daquelle periodo anedotas inesqueciveis. O padre Chagas conduzia para os pés da cadeira em que leccionava uma bolsa cheia de livros, e d'alli tirava o acepipe para todos os paladares,

lendo pachorrentamente paginas inteiras dos tratados. E si depois da aula os alumnos inquiriam delle, entre o serio e o comico, qual o ponto explicado, sua reverendissima zurzia-os com reprimendas que degeneravam n'um verdadeiro *charrivari*.

Do padre Coelho conta-se, entre outras anedotas, a seguinte:—Os estudantes, n'um bello dia, escreveram pelas paredes da aula a phrase de Cambrone aos inglezes, com endereço aos dois leites de batina. O reverendo bota os oculos no momento da prelecção, descobre os cartazes nas paredes, lê em silencio por cima da cadeira o seu nome em letras garrafaes, e, disfarçando o embaraço, diz ao ver o nome do seu companheiro de tonsura escripto mais adiante:—*Homem, até para o Chagas!?*...

Os dois episodios citados indicam que o prestigio intellectual dos lentes no periodo olindense não poderia ter sido muito extenso.

Consistia no seguinte: alguns textos de Direito Romano, principios de Direito Civil, na lingua pouco aceiada das ordenações do Reino, sob o imperio de Mello Freire, ligeiras diversões pelos principios politicos de Benjamin Constant, e, corroando o edificio, a influencia universal de Jermias Bentham.

Os rapazes, porém, faziam politica; auxiliavam a manutenção da ordem, como por occasião da *Setembrisada* em que o Recife foi brutalmente invadido pela tropa que o entregou á anarchia e ao saque; publicavam jornaes em tom jacobino; organisavam patuscadas nocturnas que eram verdadeiras copias das *soiças* de Coimbra, e faziam o possivel para manter na tradição o arremedo da Universidade portugueza.

D'este empenho é justo citar o seguinte. Nas antigas escolas de Direito de Constantinopla e Beryto, os alumnos de cada anno tinham nomes ou alcunhas particulares:—os do 1.º *Dupondii* por causa do minerval que pagavam; os do 2.º *edictales*, pelo facto de compulsarem os editos commentados por Ulpiano; os do 3.º *Papinianistas*, porque estudavam as *Responsa Papiniani*; os quarto-annistas eram chamados *Lytæ*, «palavra grega referente á solução dos enigmas da lei que propunham»; os do 5.º *Prolytæ* «por continuarem as disputas referentes ás Constituições imperiaes».

Com as reformas de Justiniano, diz Theophilo Braga citando Charles Girard, conservaram-se os titulos escolasticos, com excepção do relativo aos estudantes do 1.º anno que trocaram o nome offensivo de *Dupondii* pelo de *Justinianistas*.

Este costume, que passou para as Universidades da Idade Media, conserva-se na de Coimbra, onde os alumnos do 1.º anno têm o nome de *Novatos* e uma certa posição de inferioridade perante os segundannistas, (que aliás receberam um appellido *pouco euphonico*, que eu callo por decencia), os do 3.º *Pés de Banco*, e os do 4.º *Candieiros*.

Veio incontestavelmente para o Curso Juridico de Olinda esse costume de Coimbra, apenas modificado quanto aos alumnos do 1.º anno, que foram baptisados com o sobrenome de *calouros*, aos do 4.º, conhecidos por *quartãos*, e augmentado com o titulo honorifico de *bachareis* aos quintannistas.

Olinda não tinha os cedros da formosa Coimbra, «perpetuamente gentis», nem possuia o

encanto do musgo «reverdecendo nos agarves do castello e nas barbacãs da velha muralha medieval»; as pequeninas flores côr de ouro e as mauritanias côr de sangue não despontavam alli, como no tempo de Camões, «por entre as escuras pedras remotissimas do arco romano da *Porta de Belcouce*»; nem as boninas lhe cingiam a *Fonte dos Amores*, «como um cinto de vestal»; nem tinha aos seus pés o Mondego espreguiçando-se no seu leito de areias, «luzentes como pepitas de oiro»; mas, em compensação, tinha outros encantos a formosa *Marim*, debruçada sobre o mar do alto das suas collinas de esmeralda; o seu rio guardava tambem as lendas indigenás da primitiva gente que lhe povoou as ribas; e, si não tinha a grande ponte do Mondego, onde se davam *rendez-vous* os estudantes coimbrenses nas noites de luar, possuia a pequena ponte do Varadouro, por onde um braço do Beberibe desce, em cima de pedras, fazendo um doce murmurio de aguas correntes.

Junte-se as causas apontadas á topographia de Olinda, ás pareenças com a velha cidade portugueza influindo no animo de professores e alumnos d'alli chegados com o escriptorio das recordações, e teremos por junto os motivos do arremedo de Coimbra no *Curso Juridico*, da miniatura que nos ficou da Universidade Lusitana no velho edificio de S. Bento.



Com a transferencia para o Recife e, ao mesmo tempo, golpeada em alguns dos seus fórcs pelo decreto de 1854, a Faculdade começou a perder o poderoso espirito de corporação, que, á falta de grande cabedal de sabedoria, constituiria

os seus braços no periodo inicial. Na memoria citada, Aprigio Guimarães, referindo-se áquelle facto, assim se expressa: «O que perdemos com a mudança? um espirito de corporação, por assim dizer feudal, para ganharmos em toda sua plenitude o espirito que rege uma sociedade livre com a religião do Evangelho... Alli nas solidões de Olinda, com um feroz espirito de classe, havia soldados da cruz, é verdade; mas o socialismo discutia-se desassombadamente nos corredores de S. Bento, e os discipulos de Platão e Fenelon, pensando que o mundo era Olinda, imaginavam corrigir as leis sociaes de Deus».

Pondo de parte a incompatibilidade que o digno Professor descobria entre o socialismo e o Evangelho, quando o primeiro socialista d'este mundo foi Jesus, emprego esforços para reprimir os musculos do riso ante esse exdruxulo processo de fazer cahir a concha da balança para o lado dos seus prejuizos religiosos. Felizmente, o autor da memoria, tendo-se tornado o tribuno da juventude nas solemnidades academicas, não repetiu aquellas theorias na cadeira de Economia Politica que mais tarde regeu com tanto brilho.

Com a mudança, o carolismo invadiu a Faculdade, e enquanto os lentes iam ouvir os sermões de Frei Espirito Santo, mettidos nas opas da confraria de S. Pedro, os rapazes fundavam a irmandade do Bom Conselho e faziam em procissão solemne, com assistencia do Director e do Reverendissimo Bispo Diocesano, a transferencia da imagem para a Ordem Terceira de S. Francisco.

E a memoria historica d'aquelle anno, omissa em cousas do ensino, pormenorizou aquella cerimonia religiosa, com um zelo metuculoso e um

tom beato, que eu cheguei a pensar que aquillo era uma chronica de convento e não um trecho de nossa vida escolar.

Era o tempo em que o Dr. Braz Florentino escrevia contra o casamento civil um tratado que fez epocha nos centros catholicos e obteve para o seu autor o consolo espirital de receber cartas laudatorias de todos os prelados do Brazil, inclusive o Arcebispo da Bahia.

Em todo caso, a esphera do saber crescera com alguns novos livros francezes, e Troplong começára a fazer as despezas intellectuaes dos mestres no Direito Civil.

Desde que no Brazil se poude ler em francez a obra de Savigny, o grande jurisconsulto allemão deixou de ser um mytho para um ou outro dos nossos professores mais estudiosos. Por outro lado estava em uso a facundia nas prelecões, e o padre Ventura de Raulica, com os discursos palacianos na Igreja da *Notre Dame*, em Paris, desprendera a lingua de muita gente.

Confiava-se muito menos no vigor da sciencia do que nos effeitos decorativos da phrase, nos fogos de artificio da palavra.

Haviam os palradores, os que tenorisavam na cadeira, enramando o espirito com filigranas, e não admitindo que a sciencia pudesse accomodar-se na concisão dos philosophos gregos.

Existia ainda grupo dos que, não possuindo a plastica do estylo oratorio e não podendo engrimponar-se nas eminencias de uma nomeada bem acolhida, se entrincheiravam na muralha chinesa da intolerancia, no reducto invencivel do espirito de seita.

Periodo moroso de carrancismo, de que Me-

nezes Drummond e Trigo de Loureiro foram os maiores representantes.

Verdade é que o espirito alegre dos rapazes, e brejeirice de alguns desabusados lhes desmanchavam por instantes a cathogoria.

Trigo de Loureiro, apesar do terror panico que causava aos alumnos, teve de encontrar-se mais de uma vez com um d'esses estroinas no seu caminho. Quanto ao outro, quem se encarregou de soprar-lhe um pouco do pó branco do ridiculo sobre a sua irreprehensivel sobrecasaca preta, foi o seu proprio sobrinho—o talentoso pernambucano Gaspar de Drummond Filho.

Chamado á lição começa a improvisar um ponto de Direito Civil e a dizer heresias nas barbas do seu tio e mestre.

O velho mexeu-se na cadeira com impaciencia, até que, lhe não soffrendo o animo, perguntou ao sobrinho e discipulo:

—Onde aprendeu isto, Sr. Gaspar?

—No Pothier, Sr. Dr.

—Como assim, em que obra? e havendo o alumno insistido, Drummond, voltando-se para o bedel, mandou pedir ao Bibliothecario toda a collecção de livros do celebre civilista francez, dizendo com arrogancia:

—Ha de mostrar onde leu taes cousas.

—Perdoe-me V. Exc., replicou o discipulo, não é o civilista a que se refere, é o meu amigo e collega Francisco Pothier Rodrigues Lima que se assenta ao meu lado.

E a hilaridade geral da aula poz termo ao incidente.

Houve, é certo, de 1864 a 1870, o periodo brilhante da *poesia condoreira*, de que o corpo discente recolheu toda gloria merecida.

Foi o tempo de fermentação do espirito brasileiro por motivo da repulsa aos insultos do Paraguay. A intelligencia juvenil associou-se ás armas guerreiras; as hostes athenienses confraternisaram com as legiões de Sparta. Entretanto o ponto de vista da congregação não mudou. De toda a phase em que esta Faculdade esteve no velho pardieiro da rua do Hospicio, restam-nos os trabalhos de Mendes da Cunha, Braz Florentino, Silveira de Souza, ha muito esquecidos, bem como os compendios de Autran, Joaquim Villela, Trigo de Loureiro, Pereira do Rego, Paula Baptista, havendo somente o do ultimo conseguido viver até hoje, em toda plenitude dos seus credits, por ser, na sua especialidade e attento a pobreza da materia no Brazil, uma verdadeira obra prima. Quando em 1874, o Dr. Sylvio Roméro se inscreveu para a defesa de theses, encontrou o famigerado espirito de seita oppondo-lhe barreiras.

A lôba crescera, estava no apogeu da força e da raiva. O illustre sergipano deu-lhe o primeiro assalto na questão que se originou do facto de ter S. S. affirmado que a *metaphysica estava morta*. Por aquella frincha entraram as primeiras noticias do positivismo e as theorias heterodoxas de Littré, principalmente, foram se apoderando de alguns espiritos juvenis.

* * *

Somente depois do concurso esplendoroso de Tobias, em 1882, o que coincidiu com a transferencia da séde da Faculdade para o edificio em que nos achamos, a invasão das novas ideias se fez em toda liuha.

O darwinismo sentiu-se á vontade na congregação e nos bancos academicos.

O compendiosinho de Autran, até então o cateclismo que os professores impunham, logo no limiar do templo da sciencia, aos estudantes do Direito Natural, foi atirado ao esquecimento Ahrens, Taparelli e outros que por tanto tempo forneceram o *ménu* intellectual aos jovens de Ulpiano; viam-se de repente apeiados do altar por Tobias e os seus discipulos.. Encorporaram-se ao grande sergipano dois professores—José Hygino e João Vieira—apparelhados com os novos methodos—o primeiro, na philosophia de Spencer; o segundo na escola italiana do Direito Criminal chefiada por Lombroso.

Pela primeira vez ouviu-se n'aquelle recinto cousas d'este jaez no Direito Natural: «o estado é uma individualidade polymorphica, mudando de typo conforme as condições ethnicas, mesologicas, culturaes, ou segundo o tempo e a arca geographica»; e deste quilate no Direito Penal: «o criminoso, por suas anomalias organicas e psychicas, hereditarias e adquiridas, é uma variedade especial do genero humano».

Certo é que si os velhos representantes do espirito vêzgo de seita comprimiam os narizes para não sentir o cheiro de enxofre d'aquellas theorias diabolicas; si o rancor d'alguns discipulos de S. Thomaz descobria a mão do demonio n'aquella obra demolidora, em todo caso não se ouvia um protesto, nem o mais ligeiro signal de resistencia das forças reaccionarias no corpo docente.

A praça fôra abandonada, e os rapazes, n'uma patrulha que se tornou celebre e de que faziam parte—Clovis Martins, Gumercindo Bessa, Oliveira Telles, Cesar Monteiro, João Freitas, Hygino Cunha, Alfredo Pinto, Viveiros de Castro, Anisio de Abreu, Thomaz Gomes, José Carlos, Clau-

dino dos Santos, Pereira Simões, Fausto Cardozo, Urbano Santos, Benedicto Leite, Virgínio Marques, Alcedo Marrocos, Carlos Porto Carreiro, João Bandeira, Germano Hasslocher, Methodio Maranhão, Fernando de Castro, e, no ultimo plano, o auctor d'estas linhas,—encarregaram-se de fazer a ronda nas ameias da Fortaleza conquistada.

Foi verdadeiramente o que se pode chamar a idade de ouro d'esta Escola.

Em Abril de 1883, poucos mezes depois da nomeação de Tobias, Martins Junior fundava a *Folha do Norte* em companhia de Francisco Campello e Phaelante da Camara. Em breve o escriptorio da rua das Larangeiras tornava-se o centro intellectual da Academia, reunindo em ruidosa convivencia a fina flôr da mocidade.

Alli Arthur Orlando publicava, entre outros, um estudo de psychophilogenia a proposito dos *Estudos allemães*, ainda humidos do prélo, e sob o titulo *A Alma da Mulher Russa*; Clovis Bevilaqua escrevia sobre a Introducção á *Historia da Litteratura Brazileira*, de Sylvio Romero, e uma série de artigos a respeito do seu *Ponto de Vista Philosophico*; Gumercindo Bessa, possuindo já o espirito e a educação de philosopho, occupava-se de Eduardo Hartman e a sua *Philosophia do Inconsciente*; Cesar Monteiro discreitava a respeito das theorias de Darwin; Anisio de Abreu relativamente á *Sciencia e Theologia*; Hygino Cunha dava em folhetins a synthese historica da *Philosophia*; João Bandeira dissertava sobre a conveniencia inadiavel de ser applicado o methodo experimental para resolver todas as questões que dizem respeito ao homem e á sociedade.

Publicavam-se folhetos de combate em prosa e verso: *A Poesia Scientifica*, de Martins Ju-

nior; as *Verdades ao Sol*, de Phae'lante; uma carta, em alexandrinos, de Anisio de Abreu ao Conselheiro João Alfredo, em favor dos escravos; o *Escalpello* o *Microscopio*, o *Micrographo*; outros folhetos de critica litteraria e philosophica; jornaes republicanos e abolicionistas; conferencias sobre as theorias de Littré e Darwin, e a respeito da influencia de Victor Hugo na poesia occidental; uma polyanthéa em homenagem ao sabio portuguez Theophilo Braga no dia em que elle completou quarenta annos.

As rosas, porém, tinham os seus espinhos. Um grupo de rapazes de que foram principaes—Felinto Bastos, Pedro Vergue, Cyridião Durval—o poeta ruidoso das passeiatas academicas,—Cardoso de Castro, Adalberto e Wenceslau Guimarães, Salles Barbosa, não commungavam na missa de nossas ideias. D'ahi a lucta, as dissensões, as censuras, umas justas, outras acerbas. Folheto que eu publicasse, era arrastado, como uma rêz gorda, para o matadouro da critica. *O Capitão Villebray*—um mascarado, o responsavel pelas opiniões do campo adverso, surgia sempre na imprensa contra as minhas pobres poesias a moel-as de pancadas, e, apesar do tom irritante, ás vezes tinha graça ao referir-se aos meus senões de poeta. Fez a *viagem á roda dos Tentamens*, n'um folheto, e como, na carta escripta para aquelle meu livrinho de estreiante, Martins Junior, referindo-se ao descredito dos prefacios, tivesse fallado em *ouvertures* e *symphonias litterarias*, o *Capitão* aproveitou o caso para escrever uma phrase de espirito. No verso da primeira pagina do seu folheto lia-se o seguinte aviso ao leitor:—«Deixa de haver *symphonia litteraria* por se achar doente o maestro Izidoro».

Entretanto, iam os por diante, esgrimindo a penna com desassombro. Havia um espirito cavalheiresco servindo-nos de couraça, e, para ser completo, tivemos o nosso paladino nas armas—o teuto rio-grandense Germano Hasslocher—o duellista da Faculdade. O centro de resistencia, porém, era a *Folha do Norte*. Foi alli exclusivamente que os maroiços reaccionarios dos reverendos da *Civilisação*, diário marauhense, encontraram o quebra-mar dos novos principios, os arrecifes levantados pelo espirito liberal da juventude.

Foi alli que se organisou a phalange em defeza de Tobias. Entretanto não era somente contra os padres catholicos que esgrimiamos. Os de outros cultos, mais ou menos respeitaveis, mereciam tambem surriadas do nosso ridiculo, *verbi gratia*, os da igreja positivista. Um nosso distincto condiscipulo Francisco Peixoto Lacerda Werneck, espirito de recursos intellectuaes e virtudes de luctador, prematuramente roubado ás letras patrias pela morte, declarou-se positivista orthodoxo, e, tendo convocado uma reunião de adeptos da doutrina, em predio de antemão designado, encontrou-se com as cadeiras vacias mal podendo resistir ao comico do caso. Um companheiro de nossas tertulias levou a ridiculo o episodio na *Folha do Norte*. O moço positivista que era intolerante como um catholico do *Syllabus—extram ecclesiam nulla sallus*—abespinhou-se com as facecias e, esquecido das doutrinas do Mestre, trouxe á imprensa toda a sua furia concentrada.

Sahiu-lhe ao encontro Carlos Brandão, um talento dos mais possantes d'aquelle periodo, e em nome da grande maioria disse, entre outras cousas, o seguinte :

«Nenhum resultado serio me póde advir da contenda. Não estou, nunca estive no gozo do *celestial* privilegio de commungar na *mania anthropocentrica* a que o Sr. Peixoto serve de echo, nem o considero na altura de manter a defesa de um systema philosophico, que, sobretudo, na sua parte *cultural*, tem menos originalidade e é menos fecundo de que muitos outros systemas *fosseis* emanados dos grãos inferiores da cultura humana. Como bibliophilo dou mais apreço ao *Mahabarata*, que é uma condensação das magnificas epopeias da civilização primitiva, do que á *Philosophia* de Comte, que H. Taine, um vigoroso espirito, não lograra aturar além do segundo volume por julgal-o uma leitura *arida, monotona e esteril*. Da mesma forma julgo mais divertido o Dalái Lama dos penitentes do Thibet do que o *Grande Sacerdote* dos tres apóstolos da synagoga da rua *Monsieur Le Prince*, n.º 10.» Havia, talvez, audacia nos conceitos e no tom da discussão, mas eramos assim iconoclastas naquelle tempo, e d'ahi porventura a alcunha que tivemos de *petroleiros*.

O facto é que, por essas e outras, o espirito de seita desapparecêra do corpo docente. Quanto a mim, lembro-me do seguinte episodio comprobativo de que, si elle ainda existia alli, dispunha de bastante pudor para deixar de apresentar-se armado em guerra no meio em que fôra vencido. Foi no exame do meu 3.º anno. Presidia a banca o Conselheiro Aguiar, cathedratico de Criminal, no periodo franco da velhice, com o flacido rosto açafreado pela molestia e mettido no caixilho de uma pequena barba branca. Na qualidade de presidente da commissão examinadora o conselheiro não arguia na sua cadeira, substituindo

do-o o Dr. Tobias. Coube-me á sorte um ponto sobre as *causas de formação da sociedade humana*, não me recordando eu agora de todo o enunciado. Feita rapidamente, como a lingua n'aquelle tempo me ajudava, a synthese dos periodos telluricos até o apparecimento do homem, companheiro dos megatherios e mammouths, descendente d'esses animaes prehistoricos cobertos de pello, com a barba commum aos dois sexos, e armados dos grandes dentes caninos que deviam servir aos machos de armas de combate, disse que a sociedade se originára, pura e simplesmente, do instincto de defesa na lucta pela vida. Durante o tempo do exame, o Conselheiro Aguiar coçava a face esquerda com o dedo indicador da mão direita, enquanto as primeiras phalanges dos outros dedos se achavam dobradas sobre a palma, e a sua physionomia modificava-se n'um risosinho difficil de traduzir como um papyro egypcio.

Era, no entanto, o signal caracteristico, segundo a tradição academica, do seu aborrecimento com o discipulo insubmisso ás doutrinas da cadeira, e o sussurro discreto, que eu ouvia nos bancos do auditorio, dava-me a certeza da pena que aos meus collegas infundia a minha sorte de examinando no proximo julgamento.

Grande, pois, foi a minha surpresa, quando, no correr da prova de Direito Civil, não tendo comprehendido bem uma pergunta do lente respectivo, começava a perturbar-me, o conselheiro, n'um tom de bondade que ainda hoje não se me apagou da memoria, interrompeu-me para dizer: —“Reflecta. Os seus examinadores, conhecendo-o bastante, não precisam d'esta prova para julgal-o. Este exame é apenas em obediencia a uma formalidade legal.”

Desculpae-me, Srs. Doutores, a referencia de um incidente em que fui parte.

Tendo feito com independencia o *croquis* d'aquelle periodo, pareceu-me do meu dever não occultar um facto que põe em alto relevo o espirito de um antigo professor d'esta Faculdade, de um velho que, não podendo mais tomar parte na liça por lhe faltarem os novos utensilios, não dava o triste spectaculo de bracejar no vacuo contra a corrente vencedôra.

Da ligeirissima synthese, Srs. Doutores, feita ás pressas no receio de roubar por mais tempo a vossa preciosa attenção, verifica-se que, na vida intellectual d'esse Instituto, se destacam claramente dois periodos. Um é a encarnação do velho espirito mazorro no ensino, das letras de leguleios em vez dos principios philosophicos, dos processos antigos com um saibro coimbrão inconfundivel, de genuflexões orthodoxas a Deus no ceu e ao rei nosso senhor na terra, calafetando-se as frinchas das portas para que não entrasse por ellas o vento de heresia e de insubordinação intellectual que reinava lá fora:-- é o periodo das apostillas, dos compendios, dos representantes casmurros de seitas, que tinham uma bola preta, incondicionalmente, para os que discrepassem do *magister dixit*, da opinião vencedôra no ambiente official.

O outro é caracterizado pelo descredito das sebatas, pela tolerancia, por esse sôpro vivificante das novas ideias, pela systematisação do ensino, pelo baptismo triumphal do Direito na corrente do monismo, que lhe despiu as vestes hieraticas e lhe deu apenas a toga patricia com que se ornaram as sciencias congeneres. ✓

Um é o empirismo feroz dos tempos idos,

com raizes profundas nos preconceitos religiosos e nos prejuizos monarchicos do direito divino, fazendo, quando muito, o estudo exegetico das leis e pondo á banda toda a engrenagem dos methodos philosophicos; o outro é o estudo consciencioso da mechanica social, das condições mesologicas, das hereditariedades e atavismos dos povos, dos factores physicos, anthropologicos e sociaes, sem o que não é possivel comprehender a physio-psychologia do Direito.

Um é o morcego que, na solidão da noite, se alimenta de azeite no estreito ambito da lampada sagrada; o outro é a aguia que encara corajosamente o sol no cimo da montanha alpestre.

Pois bem: que nos ficou d'esses dois periodos nas memorias historicas?

Lendo-as todas, successivamente, vós não podereis saber, a não ser por pequeninos incidentes caseiros e pelos nomes dos autores, o anno a que se referem. Tão semelhantes são umas ás outras, "como as medalhas antigas a que a patina do tempo usou os cunhos."

Embalde se procurará a feição da Academia de Olinda, a linha que lhe foi peculiar e ficou na tradição escolastica, o typo grotesco de certos lentes—de casaca verde garrafa, collete de xadrez, calças de ganga amarella e gravata *á deux tours*,—como será inutil fazer pesquisas ácerca dos que sahiram das linhas communs, surgindo no plenilunio da intelligencia, com as sensibilidades de homens da lei, o temperamento de humoristas vasado nas criticas ao meio social, ou as predilecções, a volubilidade do dilettantismo, o refinamento das elegancias que, porventura, tivessem causado a admiração da mocidade secia.

Sabemos que foram lentes d'esta Faculdade

José Bonifacio e Zacharias de Goes: o primeiro, que se tornou mais tarde o famoso lente de S. Paulo, o patrono inspirado dos escravos, o apóstolo da eleição directa, o orador melancólico que desferiu, ao morrer, o ultimo canto da tribuna parlamentar do Imperio; o segundo, o austero bahiano, que retalhou a carne dos adversarios com a mordacidade das suas satiras, e em 1868 se retirou de S. Christovão, deixando o poder moderador descoberto na questão Torres Homem. Que resta de ambos n'esta Faculdade? A respeito do primeiro leio na memoria de 1859 a seguinte referencia desacompanhada de todo louvor ou mesmo de alguma das palavras convencionaes nas despedidas communs: — *Por decreto do governo imperial foi removido para S. Paulo o Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva* —; quanto ao segundo, além da noticia, inserta na chronica do anno respectivo, n'estes termos: *Foi jubilado o nosso collega Dr. Zacharias de Goes e Vasconcellos*, — resta um retrato n'esta sala, oscillando o meu espirito n'uma duvida cruel ao procurar saber si o facto representa uma justa homenagem ao professor de Direito ou barretada ao que foi depois duas vezes Presidente do Conselho de Ministros do Sr. D. Pedro 2.^o.

Houve n'esta Faculdade um professor que foi, por assim dizer, o ponto de intercessão entre o velho typo academico e o novo, o élo que liga os dois periodos, — e se chamou Aprigio Guimarães.

Foi elle quem, antes da revolução operada por Tobias no terreno dos principios, começou a modificar a feição moral d'este Instituto, por suas ideias liberaes e principalmente pelas sympathias

que irradiavam da sua personalidade. Não tomava a pitada classica do rapé de Xabregas, nem tinha o pigarro sensacional no momento de iniciar as suas prelecções. Admittiu no seu lar distincto a convivencia alegre dos discipulos, rompeu com o preconceito de não cortejar os alumnos na aula, e, ao subir a cadeira de mestre, dizia-lhes carinhosamente: — « Bom dia, meus jovens collegas »! — Com os seus ares sinceramente democraticos fez desaparecer os habitos de certo professor que se sentava nos bancos lateraes da antiga ponte da Boa-Vista para tomar nota dos estudantes que andavam á noite passeiando *au clair de la lune*; e, por tudo isto, se tornou o idolo da mocidade, o seu para nympho nos dias solemnes, tendo recebido ainda mais, como testemunho de amizade filial, o tratamento de — *velho Aprigio*, — doce qualificativo que, na phrase do talentoso quintannista que lhe foi levar, á borda do tumulo, as despedidas saudosas dos condiscipulos, — « só se confere aos paes e aos bemfeitores. »

Que resta n'esta Faculdade d'aquelle grande reformador dos nossos costumes escolasticos? Na memoria historica do anno em que falleceu, um seu collega lamentou-lhe a morte, n'um estylo que provavelmente se vestiu de luto, com algumas palavras obrigadas contra a impiedosa parca e um brocardo erudito na lingua de Seneca.

Eis tudo o que officialmente lhe teria cabido porventura na inventariação do seu patrimonio intellectual.

No velho edificio da rua do Hospicio, nas vesperas de ser mudada a séde d'este Curso, deu-se um grande acontecimento que reformou os alicerces do ensino do Direito neste paiz: foi o certa-

men realisado por Tobias para conseguir um lugar de lente substituto.

Pela primeira vez ouviu-se n'aquelle recinto que ainda guardava, como reliquia santa, a austeridade ultramontana de alguns professores, os nomes de Heckel, Noiré, Herman Post, Blüntschi, Gneist, Mohl, Holtzendorlf; pela primeira vez fallou-se alli na *Lucta pelo Direito*, na theoria das alavancas sociaes, no cosmos juridico, tudo isso proferido com um ar de rebeldia fóra das normas consagradas, e um descaso pelo ponto de vista cathedratico a respeito das diversas materias sujeitas a debate, que fez transbordar, de modo ainda não visto, a medida de aferir a capacidade dos concurrentes.

Que ficou d'aquelle certamen nos annaes d'esta Faculdade?

A chronica do anno fez com certeza allusão ao facto, deu conta do apurado na votação dos lentes, da escolha imperial, mas não nos deixou o *compte rendu* das sessões, o resumo d'aquelle torneio da intelligencia, por onde se possa no futuro ajuizar das causas primordiaes do predomínio que exerceu o valoroso *teuto-sergipano* no animo da juventude contemporanea.

Eu sei, Srs. Doutores, que a seriação historica dos factos occorridos n'esta Faculdade não ha de ser feita sómente com os subsidios das chronicas de cada anno. Para a formação integral da Historia d'este Curso, concorrerão tambem os papeis officiaes da secretaria, os livros depositados no archivo, os depoimentos de pessoas idoneas, a tradição oral que se forma sem *arrière pensée* no correr dos tempos, — as criticas e as referencias escriptas ou verbaes que o despeito ou a sympathia tiver suggerido; mas não

resta duvida que essas memorias, sujeitas à vossa inspecção, representam a fonte principal pela sua procedencia, pela categoria dos seus auctores, e por um conjuncto de circumstancias que as devem tornar dignas do maior credito.

Não pareça, entretanto, que assim entendendo me julgue nas condições de desempenhar a tarefa, pintando o quadro historico do anno transacto com a amplitude da moldura que acabo de traçar.

Conheço as escabrosidades do meu dever n'este caso, e desejaria poder cumpril-o rigorosamente ; mas não é menos certo que me faltam a percepção do psychologo, os cambiantes do estylo e o encarniçamento slavo com que os romancistas russos se prendem aos pormenores.

